

As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural

Marie-Christine Josso*
Tradução: Denice Barbara Catani**

Resumo

Os relatos de vida escritos, centrados sobre a perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades em evolução, de nossas idéias e crenças mais ou menos estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos e os outros e nosso meio humano e natural, tem essa particularidade de serem territórios, por vezes tangíveis e invisíveis. Entretanto, esses relatos são, igualmente, abundantes em evocações de territórios, espaços e tópicos experienciais. Estamos, assim, em presença do sistema de bonecas russas ou, mais especificamente, em presença de identidades imprevisíveis, se aceitamos a idéia segundo a qual os relatos são ficções simbólicas abertas a uma pluralidade de outros territórios que são o mesmo que terrenos férteis para aproximar os processos vitais e a criação de uma identidade que faz sentido para si, sentido partilhável com outros no seio desse território específico. Apontando desta maneira os números níveis em paralelo ou em profundidade da questão das identidades humanas. É por isso que a questão da identidade reflete sempre uma dimensão subjacente as categorias sociológicas em favor de uma antropologia fundamental que observa, apresenta, narra: a existencialidade singular-plural.

Palavras-chave: Memória, Formação, Relatos de vida escritos, Identidade humana, Singular-plural

The biographical identities are sustained by a singular-plural evolute existenciality

Abstract

The written reports of life, centered upon the perspective of the experiences of founding and forming our identities in evolution, of our ideas and beliefs relatively established, of our life habits and of being in relation to ourselves and the others and our natural environment, have the particularity of being territories, sometimes tangible and invisible. However, these reports are, similarly, abundant in evocations of territories, spaces and experiential topics. We are, therefore, in presence of the system of russian dolls or, more specifically, in the presence of unpredictable identities if we accept the idea upon which the reports are symbolic fictions open to a number of other territories that are the same as fertile lands to close to the vital processes and the creation of an identity that makes sense for the self, meaning shared with others within that specific territory. Pointing this way the numbers levels in parallel or in depth the question of human identities. That is why the question of identity, always, reflects an underlying dimension to the sociological categories in favor of a fundamental anthropology that observes, presents, narrates: a singular-plural existenciality.

Key-words: Memory, Formation, Written life reports, Human identity, Singular-plural

La fonction primordiale des histoires humaines: l'inclusion et l'exclusion. ...Il n'est ni possible ni souhaitable d'éliminer les fictions de la vie humaine. Elles nous sont vitales, supporter. Elles sont unificatrices, rassurantes, indispensables.

Nancy Huston, *L'èspec fabulatrice*, 2008.

Territórios socioculturais das minhas práticas de pesquisa e os seus horizontes

O Universal é o local menos os muros
Miguel Torga¹

Todo projeto de formação cruza à sua maneira, e nas palavras de seu autor, a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Por pouco que um dispositivo de formação integre uma reflexão sobre esse projeto a partir, por exemplo, de

* Endereço eletrônico: marie-christine.josso@unige.ch

** Endereço eletrônico: dbcat@usp.br

um procedimento reflexivo sobre os relatos de vida dos que aprendem, é então possível vê-lo aparecer e tornar-se questão no que diz respeito às preocupações existenciais dos adultos que aprendem. Assim, a questão do sentido da formação vista mediante o projeto de formação apresenta-se como uma via de acesso a questões de sentido que os atores sociais enfrentam hoje, seja no exercício de sua profissão – eles se fazem porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam – seja nas questões de sua própria vivência e questionamentos da própria vida.

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, os relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, dos múltiplos recursos ligados às aprendizagens da experiência etc, esse trabalho de reflexão a partir de uma descrição da formação de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se, apreciando, amando) permite ter a medida das mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas com sua freqüente inadequação para uma compreensão liberadora da criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação, em geral, e do trabalho dos relatos de vida em particular.

Os trajetos de formação nos quais estão engajados os adultos mais ou menos jovens apresentam-se desde esse momento como sendo investidos por outros conflitos além daqueles inicialmente enunciados em termos de discursos convencionais veiculados nas mídias ou das representações comumente partilhadas, a saber: a inscrição numa trajetória tendo que visa a aquisições de novas competências sociais e profissionais.

Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existencialidade, mediante a análise e a interpretação de relatos de vida escritos permite evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a dependência de nossas identidades ao longo da vida. Às constatações que questionam a representação convencional de “uma” identidade que seria definível num dado momento, graças à sua estabilidade conquistada assim como uma identidade que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências sócio-culturais, a essas constatações juntam-se a tomada de consciência de que a questão identitária deve ser concebida como processo permanente de identificação / diferenciação e de definição de si através de nossas identidades evolutivas, como emergências sócio-culturais visí-

veis da existencialidade. E identidades visíveis nos espaços sociais nos quais as pessoas se deslocam ao longo de uma jornada, como uma semana, meses e finalmente de sua vida.

É por isso que essas identidades incessantemente em devir, manifestações de nossas existencialidades em movimento, são em certos períodos históricos mais fortemente perturbadas pelos efeitos desestruturantes de mudanças sociais, econômicas e / ou políticas. Nós vivemos na Europa e em outras regiões do mundo esse tempo de recomposição de nossas identidades porque nossas existências são fragilizadas e afetadas no cotidiano pelos efeitos de mundialização do mercado (deslocalização de empresas, novas economias emergentes massivamente – China, Índia, Brasil etc – novas formas de pobreza, novos problemas sanitários, modificações climáticas relacionadas com os poluentes tradicionais em crescimento exponencial).

Uma outra constatação importante efetuada pela mediação da pesquisa com os relatos de vida coloca em evidência a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade com uma abordagem multi-referencial que integra então os diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, as crenças religiosas, esotéricas) aqui estamos também, em presença de territórios simbólicos assim como as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Com efeito, é muito difícil quando se aborda a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais se exprimem e as múltiplas facetas que elas evocam de seus percursos, não tomar consciência de sinergias positivas ou negativa entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sócio-históricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e daí da identidade.

As situações educativas, territórios bem tangíveis, sobre esse ponto são igualmente um lugar e um tempo nos quais o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser abordado nesses diferentes registros a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumentar as capacidades de intervenção pertinente em sua existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento.

Esse trabalho de reflexão a partir de uma narrativa de formação de si (cognitiva, sensível, imaginativa, comovente, apreciativa, amante) permite ter a medida das mudanças sociais e culturais em vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas com sua freqüen-

te inadequação a uma compreensão libertadora da criatividade em nossos contextos em mutação. Ousariamos dizer, nesse ponto, que ela nos informa a partir do interior com tanto maior pertinência quanto essa abordagem abranja a totalidade da pessoa na articulação das dinâmicas psico-sócio-culturais ao longo de sua vida. A história de vida narrada é assim uma mediação de conhecimento de si em sua existencialidade que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação.

Assim, o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem tendo em vista a elaboração de uma concepção de formação experiencial efetua-se a partir da construção do relato da história de sua formação mediante a narração das experiências com as quais o autor / ator aprendeu mediante seu modo de operar escolhas, de se situar em seus vínculos e de definir seus interesses, nas valorizações e aspirações. A existencialidade é assim aproximada em sua tessitura, perfeitamente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada. É por isso que em nossas pesquisas com os relatos de formação emprego, freqüentemente, a expressão de nossa existência singular-plural.

Abordar o conhecimento de si pela perspectiva das transformações do ser-sujeito vivo e cognoscente no tempo de uma vida mediante as atividades, os contextos de vida, os encontros, os acontecimentos de sua vida pessoal e social e as situações que ele considera como formadoras e com freqüência fundadoras, é conceber a construção identitária, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. Por um lado, como uma trajetória que é feita por uma tensão entre as heranças sucessivas e as novas construções e por outro lado, feita igualmente por um relacionamento dialético da aquisição de conhecimentos, de saber fazer, de saber pensar, de saber estar com relação ao outro, de estratégias, valorizações, comportamentos, novas valorizações que são visadas mediante o percurso educativo escolhido. As projeções de si que alimentaram os momentos de reorientação são reexaminadas em suas significações no presente e colocadas na perspectiva do futuro, explicitadas e interrogadas em sua lógica de emergência. Essas antecipações contam a dinâmica de formas projetadas da existencialidade. Essa trajetória coloca, então, em cena um ser-sujeito relacionado com pessoas, contextos e consigo mesmo numa tensão permanente entre os modelos possíveis de identificação com outrem (conformação) e aspirações à

diferenciação (singularização).

As etapas de construção e de análise interpretativas dos relatos: a pesquisa-formação fonte de experiências formadoras

Para que o trabalho biográfico empreendido em nossas pesquisas não seja confundido e reduzido a um procedimento exclusivamente introspectivo, algumas ponderações sobre nosso cenário de pesquisa-formação permitirão precisar as modalidades de elaboração do relato e do trabalho de análise desses relatos. O dispositivo-cenário parte da idéia de que a compreensão de seu processo de formação implica um processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão seu relato a partir de uma série de etapas alternando trabalho individual e trabalho em grupo. A reflexão dos processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes investem cada etapa do trabalho por si próprios, bem como as interações e transações que o grupo oferece. Qualificamos esse cenário de “pesquisa-formação” porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas e toma lugar no seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual. Depois de um período de apresentação do tema da reflexão biográfica, os participantes são convidados a apresentar no grupo o interesse que uma tal reflexão tem para ele a fim de começar a formular um projeto de conhecimento. A seguir vem uma fase de escuta dos narradores organizados em grupo de três ou quatro, segundo o número total de participantes. Cada um dispõe de duas horas para apresentar as experiências de seu percurso de vida que ele considera como formadoras ou fundadoras explicitando a cada vez em que sentido elas se configuram dessa maneira. Durante essas duas horas, os participantes interrogam o narrador para lhe pedir explicitações sobre as situações e os eventos relatados, fazendo-lhe explicar com mais detalhes o que extraiu daí em termos de conhecimento de si, de conhecimento sobre o meio ambiente humano e natural ou de saber fazer. Todos os grupos biográficos constatam que a apresentação e a escuta dos relatos desencadeiam um processo dialético de identificação e de diferenciação que alimenta o questionamento sobre seu próprio percurso e em contrapartida o questionamento do percurso dos outros.

Numa terceira fase, os participantes fazem

individualmente a redação de seu relato. Cada participante recebe o conjunto dos relatos dos quais tomará conhecimento antes do início da reflexão sobre cada um deles. Nessa passagem do relato oral ao escrito, os participantes constatarem as mudanças na informação relatada, interroga-os e explicando-se procuram compreender-se. Cada relato é trabalhado com vistas a liberar os momentos-chaves, freqüentemente fundadores, as valorizações que orientaram as escolhas, os registros das ciências humanas nos quais as experiências são relatadas, as dialéticas que permitem compreender as orientações gerais de uma vida, as atitudes e aprendizagens do sujeito nas situações, os acontecimentos, os encontros e as atividades impostas ou escolhidas ao longo da vida.

O conjunto de aquisições acumuladas ao longo da vida é analisado em termos de experiências formadoras e ou fundadoras caracterizadas pelas aprendizagens ou conhecimentos reagrupados em quatro categorias, de acordo com a teorização proposta em *Cheminer vers soi* (1997 – 2ªed)²:

- aprendizagens existenciais que são constitutivas do conhecimento de si como ser psicossomático em nossas dimensões de ser no mundo, nossos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares;

- aprendizagens instrumentais que unem os procedimentos e os processos em todos os domínios da vida prática numa dada cultura num dado momento;

- aprendizagens relacionais que possibilitam aquisições de comportamentos, estratégicos de trocas de comunicação com o outro, o saber-estar com relação a si, ao outro e ao mundo;

- aprendizagens reflexivas que permitem a construção do saber pensar em referenciais explicativos e compreensivos;

As compreensões que decorrem do trabalho de análise e de interpretação fazem emergir uma conceptualização que não pertence a nenhuma das ciências humanas apresentando-se como uma nova perspectiva sustentada por uma *práxis paradoxal* que associa envolvimento e distanciamento do pesquisador, sujeito de sua própria pesquisa, construção de uma subjetividade autêntica por objetivação de pré-concepções ou pensamentos preconcebidos e a experiência de nosso dispositivo de pesquisa como modalidade de construção de conhecimentos. Nossa metodologia de trabalho e nossa epistemologia paradoxal dão acesso in vivo de modo concreto ao que significa a existencialidade no singular plural em movimento.

Sobre alguns resultados de pesquisa articulados com a existencialidade evolutiva singular-plural como espaço-tempo das identidades em devir.

As transformações conscientes nas quais as pessoas estão engajadas podem resultar de uma emergência interior ou serem provocadas pelo meio ambiente. Em consequência o ser-sujeito é levado a gerir essa coabitação das lógicas de evolução e a viver, assim, uma tensão mais ou menos forte entre identidade para si e identidade para os outros.

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite assim colocar em dia, progressivamente, o ser-sujeito de formação, vê-lo tomar forma psicossomática, psicológica, sociológica, emocional, cultural, política e espiritualmente num sábio e singular entrelaçamento que, assim, lhe dá um motivo único (fala-se de “peça única”, nas artes visuais). A consciência de ser (ativa ou passivamente) sujeito de sua história, mediante todos os ajustamentos que é preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser em devir e a objetivação daquele, nas formas sócio-culturais visadas, as que já existem ou as que se possa imaginar (ex. as famílias reconstituídas).

Esse conceito de existencialidade singular-plural designa, então, uma problemática que acompanha o percurso da vida vivida numa tensão permanente entre as transformações das imposições dos coletivos e a evolução dos sonhos, desejos e aspirações individuais. Nossa abordagem experiencial da formação existencial se dá a conhecer através de múltiplas facetas:

- como um processo evolutivo de integração / desintegração do saber-pensar, dos conhecimentos, representações, valorizações, comportamentos, saber-fazer;

- como um processo de atribuição de sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e projetos de si;

- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades;

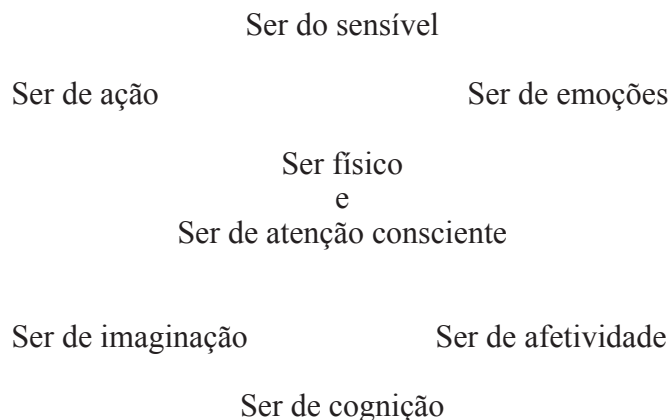
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos;

- e, finalmente, como uma transformação permanente – e, às vezes, imperceptível – do eu psicossomático;

O conjunto dessas facetas do processo de formação abordadas pelo ângulo da experiência vivida e refletida num relato escrito pelo ser-sujeito constitui uma contribuição a uma abordagem globalizante e dinâmica da construção de si como uma disponibilidade constante para a existência em devir e, assim, uma atenção consciente ou uma escuta sensível àquilo que se manifesta de nossa existencialidade num tempo presente encarnado.

Quero dar, aqui, um exemplo mais detalhado dos resultados de pesquisa, que ilustram a especificidade das construções conceituais que definem os contornos da existencialidade. Escolhi o conceito de dimensões como ser no mundo, porque “existir” é estar vivo em diferentes níveis, estar vinculado, em relação com... daí esse conceito de dimensões do nosso ser no mundo³.

Eis o esquema que representa o estado atual da pesquisa:



No centro se encontram duas dimensões inerentes de nosso ser no mundo. O Ser físico (material vivo) é o habitáculo (moradia), o suporte, a base, a condição de manifestação das outras sete características. É por isso que todas as “más-formações”, deformações passageiras ou definitivas desse ser engendram comprometimentos mais ou menos profundos no pleno desenvolvimento de suas características. Mediante o ser físico estamos conectados com dimensões químicas, físicas e energéticas de nosso universo, mais ainda, somos parte integrante dele em sua dinâmica local e global. Somos assim parte integrante de e ativamente vinculadas ao ecossistema terrestre por nosso pertencimento biológico ao reino animal sem falar aqui de nossos vínculos com o Universo. Esse ser físico está muito presente em nossos relatos sob diversas formas: a saúde e a doença, a maternidade e a paternidade, a filiação, o aspecto físico apreciado ou lamentado (imagem de si), a sexualidade, a alimentação, o movimento em diferentes modalidades esportivas ou abordagens corporais, a fadiga etc. Poder-se-ia falar de uma existencialidade psicossomática desde que não separássemos esse conceito de suas dimensões sociais, culturais, econômicas, históricas, espirituais, etc.

O Ser de atenção consciente é a segunda dimensão indispensável de nosso ser no mundo enquanto ser em devir. Nenhum desenvolvimento é possível sem essa dimensão, nenhuma percepção de si e assim, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. A qualidade dessa

atenção consciente resulta de uma escolha, de um trabalho, de uma vontade perseverante, de uma disciplina. Cada cultura oferece seus caminhos para aperfeiçoá-la e ajuda cada ser humano a otimizá-la ao longo de sua existência. É preciso dizer que as desatenções, qualquer que seja o ambiente cultural e natural no qual vivemos, tornam-se, rapidamente, um perigo para a nossa sobrevivência. O conselho “preste atenção a...” com que pontuamos a educação de nossas crianças testemunha sua importância vital. Ela está também associada a nossa capacidade de retenção de milhares e milhares de informações que recebemos ao longo de uma vida e daí a possibilidade de aprender no curso de nossa existência conectando algumas dessas informações. Se você pensar, procurando desesperadamente as chaves do seu carro, que, infelizmente foram “esquecidas” ali onde você as deixou, isso se arrisca a acontecer numerosas vezes ainda e, talvez, até mais frequentemente. Mas se você constata que no momento em que as deixou você não estava presente no lugar onde estava e no gesto que fazia, você se dá uma chance de controlar esse tipo de situação tomando consciência de que você não esqueceu. Você estava fisicamente presente, mas ausente em consciência. Por esse simples exemplo vivido por todos nós, desejo ressaltar a importância da atenção consciente como presença para si mesmo no aqui e agora tanto em nosso vínculo com o mundo exterior quanto em nossa interioridade psíquica e física. Estar presente para si mesmo no tempo daquilo que se vive constitui um ganho suplementar não somente para aprender mas igualmente para guardar algo (um vestígio, uma pista). Uma pista que poderemos recuperar num tempo de balanço, de questionamento, de reflexão, de escuta daquilo que emerge de nós! O ser de atenção consciente está, assim, no coração do nosso ser no mundo e da nossa capacidade de existir conectados com nós mesmos e com nosso ambiente humano e natural, ele faz “corpo”, aqui o jogo de palavras é oportuno, com nosso ser físico. É importante não confundir essa atenção consciente como atributo do ser humano com os conteúdos da consciência que esse atributo permite construir, por exemplo: as diferentes ciências humanas, os conhecimentos técnicos ou geofísicos.

O Ser do Sensível⁴ é aquele que se apresenta mais próximo do ser físico. Através dele se exprimem todas as impressões “agradáveis” e “desagradáveis” que vivemos no cotidiano diretamente conectadas com as sensações corporais que se exprimem em todas as nossas atividades com os outros ou com nós mesmos. É pela mediação de nossos cinco sentidos que apreendemos, primeiramente a nós mesmos, de-

pois aos outros e ao nosso meio ambiente humano e natural. A presença informante de cada um pressupõe que estejamos em movimento para perceber diferenças, como tão bem o mostrou Grégory Bateson, mas também pressupõe que cada um dos seus sentidos esteja associado a uma intencionalidade: é assim que nosso olfato, nosso paladar, nosso tato, nossa audição, nossa visão e nosso movimento podem estar funcionando sem que prestemos atenção às informações que deles poderemos extrair. Penso aqui no belo conselho do escritor J. Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. O Ser de atenção consciente entra em cena aqui. Sem essa atenção consciente mobilizada por uma intencionalidade, mas também pelo desejo de... como uma das manifestações do Ser da afetividade, nós estamos, seja em perigo, seja incapazes de desenvolver uma escuta e um conhecimento de nós mesmos, dos outros e de nosso meio ambiente humano e natural. Graças a essa atenção consciente orientada por nossa intencionalidade e nossos desejos, podemos estar em contato com os impactos de nossos sentidos sobre nosso ser físico e, certamente, com os efeitos em série que eles desencadeiam em termos de emoção, imaginação, cognição e ação. No trabalho biográfico, antes mesmo de abordar as idéias que estruturam nossa compreensão de nós mesmos, dos outros, dos acontecimentos que temos de viver, é preciso ressaltar as sensibilidades subjacentes a nossos julgamentos e às nossas reações (aqui há uma ligação particular entre o Ser do sensível, o Ser das emoções e o Ser da afetividade). Nossa primeira percepção do mundo e de nós mesmos passa pela consciência de nossas percepções sensíveis conjunta ou separadamente, segundo as circunstâncias, mas sempre num movimento ou em outras palavras, numa atividade.

O Ser de cognição nos leva a abordar outras formas de conexão e de manifestação da nossa existencialidade. Pela aquisição da linguagem, o desenvolvimento das inteligências, a natureza, as estratégias de pensar e os diversos conhecimentos de ciências humanas e da natureza, entramos numa “gramática” de conexões possíveis ou impossíveis no contexto de uma epistemologia quer seja a de uma disciplina do pensamento e de ação ou a de uma lógica cultural organizada a partir de uma visão do mundo. É por isso que chamamos a atenção dos participantes de nossos procedimentos de “História de Vida em Formação” sobre a necessária tomada de consciência e consideração de que todo relato é, por definição, interpretativo e que uma grande parte de nosso trabalho de análise consistirá em descobrir e desvelar as pré-interpretações contidas nas “des-

crições de fatos” de sua vida. Eis aqui um aspecto pouco desenvolvido dos desafios de nossos procedimentos. Alguns estão convencidos de que tendo acesso explicitamente às pré-interpretações, pré-concepções, preconceitos, tocamos por aí na subjetividade do autor. Porém, tocamos no que há de menos pessoal e menos subjetivo, no sentido próprio do termo. Tocamos na dimensão mais sociológica e antropológica (dimensão cultural) do pensar. Gostaria de insistir sobre a idéia e o fato de que a subjetividade é uma conquista que exige precisamente um despojamento dessas camadas de verniz social e cultural que nos fazem crer que pensamos por nós mesmos.

O Ser de cognição é, com certeza, totalmente solicitado num processo que visa a analisar, compreender e interpretar os processos de formação e de conhecimento que operam na vida narrada. É, assim, convocado a criar vínculos aí onde não existem ainda, a liberar os conhecimentos “bem amarrados” por interpretações feitas desde há muito, a procurar os fios condutores. A escrita do relato e o trabalho sobre os relatos ressaltam, num mesmo movimento, os recursos do ser de cognição e as origens de seus recursos⁵. É importante notar, que nos relatos, o ser de cognição não se manifesta exclusivamente sob a forma de um ser “racional”, no sentido científico do termo. Os referenciais utilizados para nutrir um conhecimento de si, dos outros e do ambiente humano e natural recorrem a todas as espécies de tradições de conhecimento, das quais um bom número, mesmo se fazem sorrir alguns dos leitores ou ouvintes que só acreditam nas ciências, são recursos que fazem sentido para os narradores. O trabalho biográfico não tem que julgar o valor do seu sentido construído introduzindo aí uma hierarquia entre o sentido fundado pelos elos estabelecidos entre as teorias socialmente válidas e as realidades levadas em consideração por um lado e, por outro lado, aquelas fundadas sobre simbolizações poéticas nascidas do Ser da imaginação.

Com a junção que acaba de ser feita entre cognição e imaginação, entramos já na evocação do ser da imaginação e as conexões que lhe são mais especificamente vinculadas. Numerosos relatos abordam a importância das obras artísticas (Música, Letras, Artes Plásticas, Artes Decorativas, Dança, etc), essas realidades imaginárias e, no entanto bem concretas, como alimentos de sua vida interior, fontes de referências para simbolizar situações, acontecimentos que permanecem sem palavras para serem ditos, descobertas de outros universos possíveis. Uma pesquisa e uma construção de conexões, de convivências que possam, também, permitir outros

olhares sobre si, permitir que se descubram outras potencialidades, sentir-se vinculado, em sua humanidade, com seres desconhecidos que são portadores de sensibilidades vizinhas ou totalmente “estrangeiras” utilizar essas / suas produções artísticas como mediação para falar de si e de sua visão de mundo etc. É preciso colocar aqui toda a vida onírica em estados de sono ou em “sonho acordado” cuja linguagem, frequentemente misteriosa, à primeira aproximação, remete a essa faculdade de imaginação para criar símbolos que nos falam noturnamente... Enfim, esse ser de imaginação manifesta-se em sonhos e projetos que marcam a existência ou que permitem reformulá-la. Mediante essas duas últimas formas, começamos já a articular o ser da imaginação ao Ser da ação, uma vez que não haveria ação sem um mínimo de antecipação e de projeções.

O ser de ação corporal é, sem dúvida, a dimensão do nosso ser no mundo que permite tornar tangíveis com maior evidência as formas de vínculos e de realizações que ele aciona, é a existencialidade em suas facetas aparentes, visíveis. A inscrição necessariamente material da ação corporal mostra que a ação só é pensável na interação social, seja mediante outras pessoas envolvidas pela própria ação, seja pela mobilização de meios técnicos, objetos e materiais diversos, seja, finalmente, nos vínculos conscientemente criados consigo mesmo para mobilizar os recursos interiores, a energia, a coragem, a vontade. O ser da ação corporal continua, mobiliza, aciona todas as outras dimensões do ser a fim de conseguir em seu movimento, em seu deslocamento, na transformação desejada, de tal maneira que esse movimento, esse deslocamento, essa transformação sejam sua melhor concretização, seu melhor *acabamento* possível. Tal como se diz de uma obra artística, seja literária, musical ou plástica, que ela é *bem acabada*.

A existencialidade evolutiva no singular-plural sustenta identidades espaciotemporais em redefinição quase constante

Favorecendo o conhecimento de si mesmo em todos os nossos registros, nossas dimensões, nossas facetas, a prática da pesquisa que utiliza nossa metodologia privilegia a atenção para o modo pelo qual cada pessoa utiliza a margem de liberdade e a capacidade criadora que evocamos no início desse texto. A auto-orientação de si, sub-produto da nossa criatividade (a invenção de si) torna-se uma tomada de poder sobre o modo pelo qual cada individualidade pode descobrir sua singularidade, cultivá-la inscrevendo-se num continuum sócio-cultural ou, em outras

palavras, na história coletiva de suas comunidades partilhadas. Essa capacidade criadora associada a outras dimensões de nosso ser humano apresenta-se como um objetivo educativo maior que só pode enriquecer nossas tradições educativas de transmissão e de conformação que tem seu valor específico. Ela aparece como particularmente adequada num período histórico no qual as mutações políticas, econômicas, culturais e ecológicas engendram uma ruptura com referenciais, valorizações e pertencimentos conhecidos e impõem a busca de novas coerências existenciais abertas ao inter-cultural.

As práticas de reflexão sobre si oferecidas pelos relatos de vida escritos centrados sobre a formação apresentam-se assim como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver um mundo em movimento, não controlado globalmente e, portanto, parcialmente controlável na escala das individualidades, que se faz e se desfaz incessantemente e que coloca em xeque a crença numa identidade por vir em proveito de uma existencialidade incessantemente em operação e em construção.

Mais globalmente, ainda, enquanto o essencial das ciências humanas observa a identidade no que ela se dá a ver, uma vez constituída, e em suas incidências em um conjunto de situações (identidade para os outros), o conceito de formação trabalhado pela mediação de uma reflexão sobre a história de vida permite evidenciar a intimidade de uma construção que valoriza uma concepção de identidade para si, simultaneamente singular e sócio-culturalmente marcada. Mas, é preciso não perder de vista que essa identidade para si não é uma individualidade sem ancoragens coletivas (familiar, de pertencimentos e grupos diversos com os quais todos e cada um tem uma história!)

Por essa razão, gostaria de ilustrar de modo muito concreto essa dimensão do singular-plural que dá às nossas metodologias reflexivas, interativas, co-interpretativas em olhares cruzados, um estatuto particular na construção de saberes sobre as dinâmicas, os recursos, os estados evolutivos dos seres humanos ao longo de sua existência e, sobretudo, da relação discursiva, ela própria, evolutiva que as pessoas, engajadas em nossos seminários, mantêm com os acontecimentos que pensam ser constitutivos e fundadores de sua existência.

É mediante a evocação de alguns momentos-chaves e experiências fundadoras de meu percurso de vida que darei os eixos principais do enquadramento epistemológico que sustenta essa noção de identidade para si evolutiva, incontornavelmente ligada a essa concepção de invenção de si no singu-

lar-plural⁸ e explicitarei meu ponto de vista sobre o paradigma do singular-plural. Uma vez mais, desejo mostrar por uma opção pela escrita autobiográfica a fecundidade do paradigma do singular plural, associado ao paradigma experiencial na perspectiva da abordagem biográfica.

Algumas experiências fundadoras tangíveis e invisíveis na minha trajetória identitária singular e sócio-histórica

Um primeiro momento faz referência à minha alegria de poder conectar, integrar, articular em minha tese de doutorado (*Le sujet en formation*, 1988 e publicada sob o título *Cheminer vers soi*, com a primeira edição em 1991) e, desde então, em todas as minhas práticas e publicações minha formação de base em antropologia cultural, em sociologia do conhecimento e os conhecimentos acumulados em outras disciplinas das ciências humanas, em particular a psicologia analítica, a psicossociologia, a educação e a filosofia.

O fato de que a abordagem biográfica, como suporte empírico para a reflexão compreensiva da formação de si como sujeito, tenha exigido uma “multireferencialidade” me deu, enfim, a sensação de que o saber universitário podia por essa direção sair de sua Torre de Babel, fazer sentido para o cidadão comum e ser, para ele, um saber de uso cotidiano (pertença à geração dos franceses de sessenta e oito).

Minha vida na África ocidental me levou a aprender bem cedo que os relatos de vida dos velhos eram as únicas fontes de memórias, por vezes individuais e coletivas e o *griot** no qual me tornei fazendo-me porta-voz, mediante a restituição de uma compreensão da singularidade de cada ser, de seu itinerário de formações que o ajudam a viver sua humanidade, esse papel de “griot” e de exploradora de um território ignorado em educação condiz perfeitamente com a minha sensibilidade intelectual e humana. Com os relatos de vida, o humano e a humanidade ganharam corpo, o concreto singular deu vida, informou e abriu novas perspectivas ao pensar geral e abstrato e às correlações estatísticas que caracterizam minha formação universitária. Assim, o caminho que fiz em minhas construções teóricas e que nomeei como o tipo de trabalho biográfico, efetuado com especificidades da minha metodologia, sustentada não somente pelo paradigma experiencial mas, igualmente, pelo paradigma do singular-plural, oxímoro que exprime bem as tensões dialéticas nas quais a vida ganha vida, inventa-se e graças a essa invenção se perpetua. Esse paradigma é tão potente

e fecundo que o desenvolvimento de atividades na tela da Internet ressalta, quase cotidianamente, sob novas formas o quanto esse paradigma não é uma simples invenção intelectual, mas constitui uma tomada de consciência nova para apreender numa mesma coerência conceitual práticas cotidianas tais como as páginas pessoais, os blogs, os álbuns de fotos em série, os diários íntimos, as produções literárias e visuais diversas, só para mencionar alguns exemplos.

O paradigma do singular-plural, como o experiencial, o da complexidade e o paradigma sistêmico não pertencem a nenhuma disciplina em particular, mesmo se cada uma delas os reivindicar para si ignorando a contribuição das outras e me parece, sobretudo, que devem ser considerados como um dos componentes dessa famosa perspectiva transdisciplinar cuja idéia circula há muito tempo, mas a qual falta ainda, por um lado, apoio teórico suficiente e, por outro, um desenvolvimento já liberto das convenções e limitações ligadas ao politicamente correto e ao epistemologicamente correto para encetar o trabalho de integração e de transcendência das disciplinas herdadas do século XIX. Pois, nas universidades, não é somente a concepção do saber recortado em disciplinas que datam do século XIX, mas igualmente todas a concepção das carreiras de pesquisadores, de seus itinerários de formação e das modalidades de reconhecimento do valor de seus trabalhos.

Um outro momento muito significativo para mim, porque fundador é constituído pela articulação entre minha atividade artística e minhas atividades biográficas profissionais. De início, não fiz essa ligação, a priori: lancei a primeira pedra da minha tese de doutorado em 1983 e já tinha começado a pintar, frequentemente, em 1975 e fui aceita como pintora profissional na Visarte (associação de pintores, escultores e arquitetos suíços) em 1980. Uma feliz sincronicidade (no sentido de Jung) fez com que no mês da minha defesa de tese eu participasse de uma exposição coletiva mostrando um tríptico, em grande formato, que foi especialmente criado para essa exposição. O tríptico se chama *Avant l'accomplissement* e conclui um período pictural chamado *Les voyages d'Élodie*.

A observação à distância, espacial e temporalmente, de minhas duas atividades profissionais durante duas exposições de si simultâneas me fez tomar consciência de que minha obra de pintura inscrevia-se totalmente numa perspectiva biográfica mesmo que não aparente à primeira vista, isto é, sob o ângulo de tomadas de consciência efetuadas a propósito de três períodos da minha vida (*Deux ou*

trois choses que je sais d'elle – la vie; Si j'aurais su j'aurais pas venu; Les voyages d'Élodie). E que minhas pesquisas universitárias ocorreram num processo de formação e de conhecimento que integravam minhas pesquisas na pintura.

Uma nova consciência de si, de um eu mais unificado inventado pela necessidade de uma coerência interior, emergiu graças a um desenvolvimento em suportes específicos (imagens e palavras) e desta consciência de si, nasceu uma invenção identitária que se chamou, também na época, de ato de dar sentido à sua vida. Assim, o trabalho biográfico permitiu criar um discurso que, ao ser feito, inventou a parte original de minha identidade de pesquisadora profissional e nutriu outras atividades, tais como meu trabalho de pintura e ajudou, ainda, a inventar a especificidade de minha identidade de artista profissional. Finalmente, no plano existencial, essa tomada de consciência me dá um horizonte de vida marcada pela integração de pontos de vista e praticas socialmente distintas.

Assim, o trabalho biográfico e autobiográfico se encontra no cruzamento de um destino sociológico, cultural e historicamente previsível – uma identidade predefinida, de uma memória personalizada desse destino potencial e identidade programada e de um imaginário sensível original capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpelar outros inconscientes ou ainda de convencer racionalmente.

É por isso que em minha tese de doutorado já se encontra essa idéia de que o relato de vida é, decerto, uma ficção baseada sobre fatos reais e que é esse relato ficcional o que permitirá, se a pessoa for capaz de assumir esse risco, a invenção de si autêntica. Sem esquecer que a invenção de si requer, não só, um discurso sobre si, mas projetos de si. Com efeito, o relato de formação só é possível como processo de conhecimento de um sujeito que postule e então imagine poder vir a ser plenamente. Em outras palavras, é preciso poder imaginar ser e tornar-se, simultaneamente único porque singular e reconhecível porque socialmente identificável. Dito de outro modo, no exemplo aqui dado: pesquisador e artista, mas esta pesquisadora e esta artista.

O estabelecimento de um elo explícito e tangível entre atividade artística e atividade de pesquisa e de formação se exprime na escolha deliberada de apresentar num colóquio internacional na Universidade de Rennes, em 2 de setembro de 1998, uma comunicação sobre “As dimensões formadoras da escrita do relato de sua história de vida, da estranheza do outro à estranheza de si” e uma exposição de uma colagem biográfica composta de 9 quadros

(50 X 70 cm) intitulada *Fragments de mémoires en quête de sens* compostos a partir de fotos e de imagens extraídas de meus arquivos pessoais.

A temática do colóquio “Dinâmicas de linguagens e história de vida” incitou-me a prosseguir a integração das minhas duas atividades trabalhando com a seleção de imagens e de fotos biograficamente significativas para tentar uma escrita inédita de uma história de minha vida em nove quadros e trabalhando a composição pictural a fim de que ela desse conta da dinâmica biográfica em jogo em cada quadro. Esse exercício estimulante ocupou-me seis meses, e foi realizado em condições nem sempre satisfatórias para a artista, no que tange à qualidade das reproduções dos originais em fac-símiles e ao tempo disponível para melhor pensar as relações entre o preto, o branco e a cor, por exemplo, ou ainda as proporções das imagens entre elas, num mesmo quadro ou entre os quadros.

Essa experiência foi extremamente rica porque sugeriu uma infinidade de questões e concretizou publicamente ensaios desenvolvidos, inúmeras vezes, com meus alunos em seminários anuais na Universidade e em diversos contextos profissionais. Introduzo aqui previamente, a problemática dos momentos biográficos escolhidos como significativos e a da interpretação que participam diretamente da invenção de si. Pois, se a invenção de si é possível, é também e, sobretudo, porque os signos, as marcas, os símbolos que devem representar o autor, em sua dinâmica global ou numa das dimensões do seu ser no mundo são polissêmicos. Aliás, porque sabemos que “o mapa não é o território” essa polissemia nos estimula a partir em busca de nossos seres no mundo potenciais e, assim, inventarmos-nos a nós mesmos mediante nossos projetos. É assim que nossos fragmentos de memórias individuais e coletivos se transmitem em recursos, em nutrição, em inspiração para que nosso imaginário de nós mesmos possa inventar essa continuidade indispensável entre o presente e o futuro, graças ao nosso olhar retrospectivo sobre nós mesmos. Não é demais enfatizar aqui que o trabalho biográfico não é uma repetição do passado, mas uma retomada do futuro graças ao olhar retrospectivo, por um lado e por outro, cada evento ou contexto singular remete imediatamente a referenciais coletivos (sócio-culturais e sócio-históricos) quer sejam conscientes ou não.

Finalmente, o simpósio da ASIHVIF⁶, no ano 2000, sobre o tema “O sensível em formação”, no Centro de *Crêt-Bérard (Vaud-Suíça)* que concebemos e organizamos com os colegas do GRAPA (O “Grupo Universitário de Pesquisa sobre adultos e seus processos de Aprendizagens” foi criado na

Faculdade no início dos anos 1980 com meu colega Pierre Dominicé) deu a esse elo individualmente construído seu completo desdobramento graças à pluralidade das contribuições e à sinergia das sensibilidades presentes. O sensível como parte integrante de nosso processo de formação e de conhecimento foi abordado pela perspectiva do cinema com um filme autobiográfico do cineasta do *Québec Michel Moreau*, uma peça de teatro ligada às biografias dos atores (*Les Perdants Magnifiques*), a dança com um grupo fora do comum sobre o tema da emergência da humanidade, o lugar da música com a presença do pianista Roland Vuataz, igualmente Diretor do Conservatório Popular de Música e finalmente os vínculos entre o artista, sua vida e sua pintura na presença do pintor Gilbert Mazliah, professor de Artes plásticas na escola de Belas Artes.

Essa consideração das diferentes formas do sensível em nossa formação permite fazer emergir dimensões ocultas de si que redinamizam um projeto de si porque recompõem os recursos e uma coerência pessoal. Pode-se assim, se projetar, se identificar e introjetar aspectos disso que o sensível nos oferece para ver, sentir, pensar, fazer etc. Ainda aí há uma dinamização e uma invenção de si em novas perspectivas e em novas formas: a arte torna-se, assim, uma das vias de conhecimento. Essas formas do sensível são a melhor ilustração possível do paradigma do singular-plural. São uma vivência e uma atualização de uma sensibilidade ou de sensibilidades – quando se trata de criações coletivas – que articulam o potencial mais original com uma forma coletivamente reconhecível porque tem lugar numa continuidade histórica. A pluralidade das interpretações se desvela aqui em toda a sua amplitude: uma polissemia que, novamente, permite, funda, suscita um convite à invenção de uma nova significação. Penso, por exemplo, nas retomadas periódicas de *Antígona*, nas representações picturais de um Francis Bacon ou de um Picasso, nas interpretações musicais ou mesmo nas transcrições instrumentais.

Abertura sobre o labirinto identitária de um Si materializado, tangível, flexível e imaginário

Être civilisé, c'est reconnaître l'identité comme une construction, s'intéresser à mille textes et, par là, apprendre à s'identifier à des êtres qui ne vous ressemblent pas.

Nancy Huston *L'espèce fabulatrice*, 2008.

A invenção de si pressupõe como imaginável e possível um projeto de si, o que implica uma conquista progressiva e sempre um devir de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento,

de uma autonomia em nossas escolhas de vida e de nosso modo de vida, isto é, um verdadeiro trabalho de subjetivação de si materializado. Pois, finalmente, a invenção de si pode tornar-se uma das formas assumidas pela posição existencial da intencionalidade que se abre ao cotidiano e não somente em situações e contextos particulares. Ela diz respeito a todas as esferas da nossa existência, desde as roupas que escolhemos usar até os pratos que inventamos passando pela organização de nossos horários de férias e a escolha do lugar, a escolha de nossas leituras, filmes, exposições etc. Todas essas pequenas liberdades que se inscrevem, certamente, em restrições subjacentes como as finanças disponíveis, as negociações familiares, as ofertas de alojamentos, de lazer, de atividades culturais são marcadores da invenção de si no singular-plural.

Essa invenção de si no singular-plural tem, entretanto, um custo que nem sempre estamos dispostos a pagar: aceitar os comentários críticos e mesmo os afastamentos. Isso porque podemos viver durante períodos mais ou menos longos contando com saberes adquiridos de todas as espécies, projetos petrificados ou hesitantes, itinerários já balizados, submissões sociais aceitas com maior ou menor bom grado, como com complexos psíquicos que não chegamos a desfazer. Sem um trabalho especificamente centrado sobre as tomadas de consciência de nossas idéias, nossas crenças, nossas convicções etc, do qual o trabalho biográfico sobre os relatos de formação é uma das vias possíveis, nós ficamos profundamente prisioneiros de nossos destinos sócio-culturais e sócio-históricos. O relato é um território simbólico a ser percorrido frequentemente a fim de se descobrir nele o outro território que é o da nossa liberdade e de nossa evolução criadora.

A invenção de si, no singular-plural, implica, então, vigilância, vontade e perseverança a fim de se permanecer vivos em devir e não vivos em sursis. A globalização e as mesclas culturais estão se configurando em larga escala e não podemos ver distintamente o que advirá desse processo de mestiçagem que, em si, é um desafio singular e plural de invenção de si e de nós no presente.

Assim, quanto *mais* o paradigma do singular-plural se torna evidente mediante uma leitura de meu próprio itinerário confrontado com saberes construídos a partir de relatos escritos de formação, *mais* a invenção de si, individual e coletiva impõe-se como um dos benefícios potenciais de um trabalho hermenêutico criativo, em outras palavras, de uma práxis biográficas formadora e por isso mesmo transformadora. Certamente, as abordagens biográficas em pesquisa e em educação não podem ser panacéia universal, elas

se apresentam como uma via de conhecimento que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores, terapeutas e outros profissionais da relação e das transações social (como a mediação, por exemplo). Elas enriquecem também nosso repertório de “pessoas comuns” ao nos permitir aceder a uma consciência de si individual e coletiva mais sutil. Finalmente, elas oferecem a tomada de consciência fundamental de que a vida e seu devir se apresentam como um labirinto no qual as escolhas do presente tentam entrever esse futuro que vem ao nosso encontro.

Então não se agarrar as nossas identidades do momento é a melhor maneira de explorar as oportunidades do presente, ficar vivo para inventar o futuro.

Notas

¹ Miguel Torga, William Blake & Co., Língua de origem: português, 1986, 32p. ISBN 2841030083

² Esgotado. Dirigir-se à marie-christine.josso@unige.ch para compra sob encomenda.

³ A construção desse conceito revelou-se necessária quando organizamos em maio de 2000, em Crêt-Bérard (Vand-Suiça), um simpósio sobre “O sensível na formação” a partir de nossos procedimentos com “histórias de vida”. De fato, me era impossível avançar na concepção desse encontro até aquele

⁴ Danis Bois & Didier Austray, 2007, “Le paradigme du sensible” in *Réciprocités*, n°1, ver www.cerap.org. momento (já várias centenas em 20 anos) nos ensinavam sobre o conjunto das dimensões articuladas ao sensível.

⁵ Ver “La Co-construction de savoirs singulier-pluriel à partir du travail d’écriture et d’interprétation des récits de vie”, sob a direção de Madelon Saada-Robert, Francia Leutenegger in *Expliquer et comprendre en sciences de l’éducation*. De Boeche Ed. Coll. Raisons Éducatives, Bruxelles, 2002. E também “Les dimensions formatrices de l’écriture du récit de son histoire de vie, de l’étrangeté de l’autre à l’étrangeté de soi” in *Actes du Colloque International de Rennes (set1998): Dynamiques langagières et Histoire de Vie*, Presses Universitaires de Rennes, 2002.

⁶ Association Internationale des Histoires de Vie en Formation

Referências

BACHELARD, G. *La formation de l’esprit scientifique : contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*. Vrin, Paris, 1938.

BERGER, È. *La somato-psychopédagogie ou comment se former à l’intelligence du corps*. Éditions Point d’Appui, Paris, 2006.

BERGER ET LUCKMANN. *La construction sociale de la réalité*. Méridiens/ Klinshiem, Paris, 1986

BOIS, D. *Le moi renouvelé*. Éditions Point d’Appui, Paris, 2006.

COURTOIS, B & PREVOST, H (Ed.) *Autonomie et formation au cours de la vie*. Lyon : Chronique Sociale, 1998.

DOMINICE, P. *L’histoire de vie comme processus de formation*. L’Harmattan, Paris, 1990.

FABRE, M. *Penser la formation*. PUF, Paris, 1994.

FERRAROTTI, F. *Histoire et histoires de vie*, Ed. Méridiens, Paris, 1983.

FORMENTI, L. La ricognizione biografica come metodo di ricerca in educazione. *Animazione Sociale*, 6/7,1994.

HONORE, B. *Vers l’œuvre de formation, L’ouverture à l’existence*. L’Harmattan, Paris, 1992.

HONORE, B. *L’épreuve de l’existence*, essai sur l’angoisse, l’espoir et la joie. L’Harmattan, Paris, 2005.

HUSTON, N. *L’espèce fabulatrice, Actes sud, Avignon (Fr)*, 2008.

JOSSO, M-Christine. (1991-1^{ière} édition) *Cheminer vers soi*. L’Age d’Homme/Payot, Paris et Lausanne. Encomendas diretamente marie-christine.josso@unige.ch, 1997.

_____, *La formation au cœur des récits de vie: expériences et savoirs universitaires*, (sous la direction de M-Ch. Josso) réunissant des contributions européennes, brésiliennes et québécoises ainsi qu’une bibliographie exhaustive en langue française en l’an 2000, l’Harmattan, Paris, 2000.

_____, *Experiências de vida e formação*, prefácio de António Nóvoa, tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira, Editora Educa-Formação (A. Nóvoa, Diretor), Universidade de Lisboa, 2002.

_____, *Experiências de vida e formação*, préface à l’édition brésilienne de Cecilia Warschauer, adaptation et révision pour le Brésil de Cecilia Warschauer, Editora Cortez, São Paulo, 2004, em reedição na Editora Idéias e Letras, S. Paulo (no prelo 2009).

_____, *Formação de adultos: aprender à viver e gerir as mudanças*. In: CANÁRIO, R. e CABRITO, B. (Org.) *Educação e formação de adultos: Mutações e convergências*, Ed. EDUCA-formação, Lisboa, 2005.

_____, os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida na invenção de si. In: SOUSA, E. C. de.; ABRAÃO, M.H.M.B. (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, pp. 21-40, Prefácio de M.-Christine Josso, EDUNEB e EDIPUCS Editoras, Brasil, 2006.

_____, As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras, pp. 373-383, *Educação e Pesquisa*, São Paulo, V.32, n.2, maio/agosto, Brasil, 2006.

_____, A transformação de si a partir da narração de histórias de vida, *Revista Educação*, PUCRS, Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação, Ano XXX, N° 3 (63) set/dez, Porto Alegre/RS (Br), 2007, www.pucrs.br/br/faced/pos/revista

_____, Los relatos de formación durante la vida como construcción de sentidos múltiples de la existencialidad. In *Revista Diálogos*, Año XII, volumen 3/2007, N° 52, Barcelona (E), 2007, www.dialogosred.net

_____, Abordagem biográfica em situações educativas: a formação de si. In: Presente! *Revista de Educação*, Ano 15 N°57, Junho/Agô, Salvador de Bahia, 2007, [revista@ceap.org.br].

_____, A formação na perspectiva biográfica como processo de construção do sujeito e das suas identidades. In: MORENO, L.V.A.; ROSITO, M.M.B. (Orgs.) *O sujeito na educação e Saúde Desafios na contemporaneidade*, Editora Loyola e Centro universitário São Camilo, São Paulo, Brasil, 2007.

_____, *O sujeito sensível e renovação do eu*, co-organizadora com Danis Bois e Marc Humpich, Editora Paulus e Centro universitário São Camilo, São Paulo, Brasil, 2008.

_____, As instâncias da expressão do biográfico singular plural. Junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico., pp. 13-40, introdução a obra *O sujeito sensível e renovação do eu*, Editora Paulus e Centro universitário São Camilo, São Paulo, Brasil, 2008.

_____, A realização do ser humano como processo de transformação da consciência: ensinar, acompanhar e aprender: um mesmo desafio para uma vida em ligação, *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas*, Livro N° 2 do ENDIPE XIV, EDIPUCRS e Unisinos, Porto Alegre, RS, Brasil, 2008.

LEFEBVRE, H. *La somme et le reste*. Méridiens Klincksieck Éditeur, Paris, 1989.

MORIN, E. *Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur*. Paris : Seuil. (Original publié 1999), 2000.

PINEAU, G. *Produire sa vie*. Edilig, Paris, 1983.

PINEAU, G. L'autoformation dans le cours de la vie : entre l'hétéro et l'éco formation. *Éducation permanente*, 78-79, 25-39, 1985a.

PINEAU, G. *Temps et contretemps* (Coll. Éducation permanente). Montréal : Éditions Saint-Martin, 1987.

PINEAU, G. *Temporalités en formation : vers de nouveaux synchroniseurs*. Paris : Anthropos, 2000.

PINEAU G. et LE GRAND, Jean-Louis. *L'histoire de vie*. Que sais-je? Paris, 1994.

RICÉUR, P. *Temps et récit* (Tome 2). Paris : Seuil, 1984.

SINGER, C. *Derniers fragments d'un long voyage*, Albin Michel, Paris, 2007.

WEBER, M. *Essai sur la théorie de la science*. Paris : Plon, 1965.

Recebido em novembro de 2008

Aprovado em dezembro de 2008

Sobre a autora:

Marie-Christine Josso é Socióloga, Antropóloga e Doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

Sobre a tradutora:

Denice Barbara Catani é Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde fez sua formação (graduação em Pedagogia, mestrado, doutorado e livre-docência). Pesquisa temas ligados à História da Educação, Profissão Docente e Formação de Professores. Exerceu os cargos de Chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP. Atualmente é vice-coordenadora do Programa.